

DIZER-SE PROFESSORA/PROFESSOR PELA ESCRITA: AUTORIA E DIALOGIA NOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

SAYING TO BE A TEACHER/TEACHER IN WRITING: AUTHORSHIP AND DIALOGISM IN THE INTERNSHIP REPORTS

*Ana Lúcia Guedes-Pinto**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Resumo: Tomando como referência a perspectiva bakhtiniana da produção enunciativa, este artigo problematiza os dizeres dos estudantes-estagiários de um curso de Pedagogia sobre suas experiências na escola básica. Trata-se de uma pesquisa participante, de vertente analítico-interpretativa, na qual a geração de dados se desenvolveu no contexto das disciplinas do eixo teórico-prático do curso, nos anos de 2017 e de 2019. Entendendo o gênero relatório de estágio como um gênero secundário, da esfera acadêmica, em que o discurso científico é valorizado e legitimado, procurou-se problematizar os modos de dizer dos estudantes em seus enunciados escritos. Ao tomarem a autoria de seus relatos de experiência, seus diferentes acentos valorativos indiciam diversas vozes com as quais dialogam tornando visíveis sua busca pela inserção autoral. No processo de apropriação da palavra do outro os enunciados expressam de forma viva as muitas vozes com quem dialogam na formação inicial docente.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; produção enunciativo-discursiva; polifonia; estudos bakhtinianos.

Abstract: *Choosing the Bakhtinian perspective of enunciative production as a reference, this article aims at problematizing the speaking's of trainee – students, from a Pedagogy course at a public university in the state of São Paulo, regarding their experiences in elementary school with students and teachers. It is about participatory approach research, with an interpretive analytical aspect, in which the generation of data was developed in the context of the disciplines, on the theoretical-practical aspect of the course formation, in the years 2017 and 2019. Understanding that the internship report genre it is configured as a secondary genre, placed in the academic sphere in which scientific discourse is usually valued and legitimized, we tried to problematize the many ways of saying the students in their written statements. In their discursive production, by taking the authorship of their experience reports in the schools where they intern, their different valuing intonations indicate the different voices as the dialogue, at the same time that make their search for author insertion visible. In the process of appropriating the word of the other, the utterances vividly express the many voices with whom they dialogue in the initial teacher development.*

Keywords: *Initial Teacher Development; Enunciative-Discursive Production; polyphony; Bakhtinian Studies*

* Professora Titular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0857-8187>; alguedes@mpc.com.br

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Ferreira Gullar: 2006, p. 22.

Introdução

No poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar (2006), nos deparamos com um dos dilemas do poeta: como nos traduzir? Como nos explicar, como nos transportar ao outro de forma tangível, se somos muitos em nós e ao mesmo tempo somos apenas um eu em matéria humana? Diz Gullar na primeira estrofe: “Uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém: fundo sem fundo” (GULLAR, 2006, p. 21). Temos muitas partes em nós, ressoamos distintas vozes, dialogamos com outros muitos, nos constituímos em um movimento plural. Plural, tomando por base os estudos de Mikhail Bakhtin (1997), entendido pela multiplicidade de vozes e consciências que nos constituem. Vozes essas que, conforme aponta o autor ao analisar os romances de Dostoiévski, se encontram em um contínuo diálogo de forma plenivalente, ou seja, plenas de valor, íntegras, independentes. Sublinha ele, por isso, seu caráter – dos romances – polifônico. A heterogeneidade dos discursos, segundo Bakhtin (1997), percorre a criação literária. Optando, portanto, pelo uso da lente bakhtiniana para a leitura, talvez possamos entender por que razão Gullar (2006) aborde a questão de se traduzir como algo drástico: questão de vida ou morte, tal como encerra seu poema transcrito na epígrafe.

Procurando enveredar pela reflexão sobre o processo de constituição profissional docente, ancorando-se nos estudos bakhtinianos, este artigo objetiva a problematização dos enunciados dos estudantes-estagiários de um curso de formação inicial de professores do estado de São Paulo acerca de suas experiências na escola básica junto aos alunos e seus professores. Tal reflexão se baseia em um recorte da pesquisa intitulada “Discursos entrecruzados na formação de professores”¹ desenvolvida desde 2011.

¹ A referida pesquisa está cadastrada e aprovada na Plataforma Brasil com número do

O referencial teórico assumido se fundamenta na perspectiva bakhtiniana de compreender a língua, tomando-a como uma realização discursiva “em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 1997, p. 181), na qual vozes se manifestam dialogicamente. A comunicação discursiva, por essa perspectiva, se manifesta na relação permanente eu-outro. Os enunciados proferidos por cada sujeito se constituem na dinâmica de alternância de vozes, na construção dialógica discursiva em que a antecipação da palavra do outro compõe o próprio dizer do eu.

Optando por esse viés, a problematização dos enunciados aqui retomados se guiará por uma análise metalinguística, em que se assume que os sentidos da língua se constroem discursivamente, não se restringindo a uma abordagem da superfície linguística. Nessa proposta de análise, são também considerados os aspectos extralinguísticos que os constituem, tal como o autor assinala ao desenvolver seus estudos frente à produção literária de Dostoiévski.

O texto deste artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente será apresentada a fundamentação teórica, tendo em vista alguns dos conceitos bakhtinianos (principalmente os de polifonia, dialogia, enunciado, relações dialógicas e autoria), na qual se sustenta sua problematização; na sequência, serão contextualizadas as condições concretas de geração de dados e, finalmente, algumas análises e ponderações sobre as questões em torno da autoria nos dizeres por escrito dos estudantes estagiários e o que elas nos oferecem para uma maior aproximação do e compreensão sobre o processo de tornar-se professora/professor.

Referencial teórico: polifonia, dialogia e autoria

Bakhtin (1997), ao se deter nas obras de Dostoiévski e ao analisar a produção literária desse renomado autor russo, retoma de forma minuciosa a criação das personagens-heróis, a composição de seus romances, a estilística que os percorre, demarcando sua compreensão a respeito da poética que a envolve, concluindo que “só Dostoiévski pode ser reconhecido como o criador da autêntica polifonia” (BAKHTIN, 1997, p. 35).

Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE) 02211318.0.0000.8142.

GUEDES-PINTO, A. L. Dizer-se professora/professor pela escrita: autoria e dialogia nos relatórios de estágio

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License

O conceito de polifonia tem sido bastante difundido pelos estudiosos de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo². Com uma rápida consulta do termo em diferentes bases de dados (das mais simples às mais complexas), encontramos menções diretas e indiretas ao autor. Considerado uma referência no uso desse conceito para os estudos literários, que mais tarde se tornou fundamentação a outros campos de conhecimento, Bakhtin (1997) apresenta em seu livro *Problemas da poética de Dostoiévski* a elaboração teórica de polifonia. Nele, Bakhtin (1997) mergulha em um intenso processo de análise das obras produzidas por Dostoiévski, pontuando detalhadamente aspectos sobre os modos de composição literária utilizados, o estilo escolhido, a construção das suas personagens, assim como os enredos desenvolvidos em cada uma delas. Tomando-as sob seu escrutínio, Bakhtin (1997) apresenta o que chama de a verdadeira polifonia, recusando-se a aceitar o universo das obras do autor à redutora visão de uma polifonia musical. Sua empreitada de análise, com sua originalidade e seu ineditismo, é destacada por Bezerra (1997), prefaciador e tradutor de muitos de seus livros da língua russa para o português, como um divisor de águas para o campo literário que toma a linguagem artística na sua face de expressão do caráter humano. Diz ele: “*Problemas da poética de Dostoiévski* (1929) revela um autor que se caracteriza pelo mais absoluto destemor teórico, fato que se manifesta de imediato na maneira ousada e inusitada com que Bakhtin discute a função do autor na obra dosteievskiana” (BEZERRA, 1997, p. VII).

Ainda no prefácio, quando se detém a explicar a teoria revolucionária (considerada dessa forma por ele) de Bakhtin, Bezerra afirma que o autêntico romance polifônico foi criado por Dostoiévski, reiterando a ideia do “princípio dinâmico e pluralista do método polifônico” (BEZERRA, 1997, p. IX). O romance polifônico, portanto, se traduz na multiplicidade de vozes que fazem parte da sua arquitetura, em que as consciências do autor e de suas personagens se constroem em um diálogo permanente e inacabado: “todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador” (BAKHTIN, 1997, p. 184). As diversas vozes que compõem as obras literárias se entrelaçam configurando

² A respeito dos integrantes do Círculo de Bakhtin e o detalhamento sobre a constituição do grupo de intelectuais que construiu o que hoje se denomina como “pensamento bakhtiniano”, ver Brait (2016).

o heterodiscurso – “que congrega as linguagens sociais que sedimentam a forma romanesca” (BEZERRA, 2017a, p. 12), instaurando um diálogo contínuo e plural. Tais vozes expressam vontades individuais ou coletivas, que não se sobrepõem, que não se apagam, mas se manifestam pela linguagem viva que caracteriza o romance polifônico. Diz Bakhtin (1997, p. 36-37, grifos do autor): “O principal na polifonia de Dostoiévski é justamente o fato de ela realizar-se *entre diferentes consciências*, ou seja, ser interação e a interdependência entre estas”. Sobressai-se na elaboração desse conceito o papel que o outro desempenha na construção das personagens. O diálogo permanente (e plenivalente) entre elas, a importância que o interlocutor assume no plano de cada existência, nos seus posicionamentos valorativos sobre o mundo, remete a uma composição plural de suas vozes. Cada enunciado é marcado pelo par, pelo eu-outro ao expressar os dizeres, os desejos, as vontades, as crenças: “Um enunciado nega ou afirma algo” (BAKHTIN, 2017b, p. 113). Isto é, dentro do contexto de análise das obras de Dostoiévski, Bakhtin (1997) ressalta que os enunciados proferidos pelas personagens são constituídos no dialogismo, em que suas falas carregam em si não só os posicionamentos de mundo de cada uma, como também suas réplicas. Nesse sentido, outro conceito, o da dialogia, se apresenta como fundador da perspectiva bakhtiniana.

As relações dialógicas propostas como forma de acontecimento do discurso no romance polifônico incluem, conforme descreve Bakhtin (1997; 2017a), os acentos valorativos dos enunciados que o compõem, incorporam as posições ideológicas de seus enunciadores como também contêm a antecipação da palavra de seus interlocutores. O caráter dialógico é característico de qualquer discurso vivo, tendo sua manifestação mais autêntica no romance. O autor assim explica:

A orientação dialógica do discurso entre discursos alheios (de todos os graus e qualidades do alheio) cria possibilidades novas e essenciais do discurso literário, seu peculiar potencial de *prosa literária*, que encontrou sua expressão mais plena e profunda no romance (BAKHTIN, 2017a, p. 47, grifos do autor)

Predomina nitidamente o discurso bivocal de orientação vária e além disso o discurso do outro interiormente dialogado e refletido: são a polêmica velada, confissão de colorido polêmico, o diálogo velado. Em Dostoiévski quase não há discurso sem uma tensa mirada para o discurso do outro (BAKHTIN, 1997, p. 204)

Pelo fato de o romance polifônico se constituir por sua dialogicidade, destaca-se em seu movimento narrativo a alternância de vozes, dos mais diversos tipos de discurso. Segundo Bakhtin (2017a, p. 52), “o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto”.

Um outro aspecto a ressaltar sobre as considerações de Bakhtin (1997; 2017a) a respeito da dialogia constituída no romance e que, no caso deste artigo, ganha dimensão relevante, se refere ao potencial de prosa literária identificada por ele. A manifestação discursiva da língua viva, concreta, em que os enunciados são entendidos como núcleos fundamentais do discurso, traz à tona o indivíduo como um sujeito social que profere seus dizeres a partir de uma posição, de um contexto, de sua história. O acento valorativo das palavras proferidas em um enunciado permeia o dizer do falante (oral ou escrito), imiscuindo um tom, uma apreciação. Voloshinov³ (s.d.), integrante do Círculo de Bakhtin, ao defender a pertinência da abordagem sociológica para a compreensão da estrutura imanente da forma poética, salienta a entoação como parte constitutiva do enunciado concreto. O autor aponta a interação entre os interlocutores como um componente para a apreensão dos sentidos de cada enunciado proferido em uma situação social. A entoação é marcada pelo julgamento de valor social de cada falante, de cada ator participante do discurso. O contexto discursivo fornece parâmetros para que se possa alcançar a compreensão do enunciado. Faz parte da entoação, portanto, tanto o material verbal quanto o material não verbal da enunciação.

A orientação discursiva se concretiza na relação dialógica, pois cada enunciado indica uma réplica do outro, se constrói mediante a influência do interlocutor na sua fala. A expressividade dos dizeres, das palavras de um enunciado, para ser compreendida, precisa ser analisada tendo em vista essa dinâmica interativa de todo discurso. Sobre isso, Bakhtin (2017b, p. 57) assevera: “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso”.

Na mesma direção de análise da manifestação da linguagem em uma perspectiva filosófica e sociológica de seu acontecimento, Volóchinov (2017, p. 184),

³ Embora as traduções atuais grafem o nome Volóchinov, aqui mantenho a grafia tal como está no texto consultado: Voloshinov.

também sinaliza a importância do enunciado para o entendimento do funcionamento da língua viva: “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. O autor chama a atenção para a pluralidade de significações do enunciado, das palavras que o compõem. Para se chegar ao sentido do que é dito pelo outro, no decurso discursivo, a língua precisa ser tomada como um fenômeno histórico, que carrega em si marcas do embate social quando ela é empregada por cada indivíduo. Conforme mencionado antes, o sentido se constrói na relação entre o verbal e o não verbal do enunciado.

Outro aspecto, também já citado, se refere à bivocalidade concernente à palavra, quando é pronunciada, quando é dita/escrita por alguém. Ela é perpassada pela condição de referente do mundo, ligada à concretude do contexto sociocultural ao qual pertence, marcada pelas condições de sua produção. Sobre a bivocalidade da palavra, Bakhtin (1997, p. 195) afirma: “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente, de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais”. O autor adverte que, as palavras na nossa vida prática estão preenchidas pelas palavras de outros. Ao dizermos o que pensamos, ao manifestarmos nossas opiniões, externalizamos nossos pontos de vista, nos apresentamos como sujeitos ao outro, de forma que ao pronunciarmos nossos dizeres mostramo-nos impregnados da nossa existência, de nosso presente no mundo em que nos encontramos.

Como um último ponto a sublinhar a respeito da análise que Bakhtin (1997) desenvolve frente às obras de Dostoiévski, o conceito de autoria se torna caro no âmago de nossa problematização. Conforme explica, o autor se configura como um sujeito ativo, cuja consciência está presente em todo o romance polifônico, dialogando com outras consciências de modo plenevalente. O autor se insere em uma atividade dialógica ao mesmo tempo imensa (ampla) e tensa. Ele se faz criador de enunciados por meio dos quais expressa uma posição. O autor não pode se furtar a um posicionamento. Segundo Faraco (2008), estudioso do pensamento bakhtiniano, a voz do autor-criador se constrói como um ato de apropriação de uma voz social, tratando-se de uma assunção axiológica, instaurando, assim, um guia de sua visão de mundo. Seu dizer, portanto, se reveste de uma responsabilidade

frente ao mundo em que vive, frente à realidade concreta na qual está inserido. Seu dizer tem consequências, está contido de réplicas e, ao mesmo tempo, produz outras novas. A autoria se traduz em um conceito que compromete o sujeito com seu entorno, o identifica como alguém participante de uma ou mais esferas sociais e que, por essa razão, carrega marcas de valoração enquanto diz/escreve, enquanto interage com sua realidade. Por essa perspectiva, a autoria proporciona ao criador de seus enunciados uma ação transformadora na sua existência.

Condições concretas da pesquisa: contextualização da produção dos relatórios de estágio e problematização do próprio trabalho docente como pesquisadora

Conforme ressaltado, Bakhtin (1997; 2017a; 2017b) e Volóchinov (2017) chamam atenção dos pesquisadores para uma análise do discurso, de se ter em consideração o contexto em que os enunciados problematizados são produzidos pelos falantes, por cada interlocutor em questão. Por essa perspectiva, buscando situar as condições socioculturais em que o material verbal aqui selecionado será analisado, faz-se necessário contextualizar o material não verbal, constitutivo dos enunciados proferidos pelos sujeitos do discurso tomados por esta pesquisa.

Como já explicitado na Introdução, os enunciados foram produzidos no contexto das disciplinas do eixo teórico-prático de um curso de Pedagogia⁴ de uma universidade pública paulista. Os autores de tais enunciados, estudantes de graduação com quem trabalho e interajo em aulas semanais, permitiram sua participação na pesquisa aqui focada.⁵ O recorte para efeito de análise se refere a dois relatórios escritos, um no ano de 2017 e outro em 2019⁶, nas disciplinas de

⁴ São consideradas disciplinas do eixo teórico-prático aquelas que, definidas pelo currículo do curso, tratam de questões específicas do trabalho docente e são relativas ao ensino na escola básica. Faz parte da dinâmica de organização dessas aulas contar com idas à escola (como norma, é recomendada e incentivada a ida a uma escola da rede pública, estadual ou municipal). Se encaixam nesse eixo disciplinas como Didática, Metodologia do Ensino e Prática do Ensino e Estágio Supervisionado.

⁵ Os relatórios analisados tiveram permissão assinada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos autores.

⁶ Mais adiante serão fornecidas mais informações sobre o contexto de escolha desses relatórios.

Metodologia do Ensino Fundamental e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, respectivamente. Conforme dito antes, este estudo se desenvolve desde 2011, tendo acumulado um amplo corpus, coletado ao longo de muitos anos. Optei por me aprofundar na análise de uma coleta recente e de me deter de modo adensado em apenas um relatório de cada turma, os quais considere emblemáticos no que se refere especificamente à autoria, tendo em vista a esfera acadêmica.

A produção desses textos costuma ser tematizada desde o primeiro dia de aula, quando é entregue e discutido o planejamento da disciplina. Nesse momento, os estudantes tomam ciência de que, junto às idas às escolas e ao seu trabalho de participação no cotidiano das salas de aula que acompanharão, deverão, ao final do semestre letivo⁷, produzir um texto a respeito de suas experiências. Com o objetivo de fornecer orientações à produção escrita dos relatórios, é disponibilizado a eles um roteiro no qual constam itens considerados importantes para integrar o relato, tais como a descrição física do prédio escolar, uma pequena síntese a respeito de como cada um foi recebido pela instituição, assim como inserir o relato de situações vividas, suas impressões, que devem ter sido registradas com minúcia de detalhes em um diário pessoal de anotações. É parte natural do acompanhamento do trabalho de ida às escolas a retomada constante nas aulas, no âmbito da faculdade, de discussões sobre o cotidiano vivido no estágio e dúvidas sobre essa vivência e até mesmo de seu registro no caderno de anotações⁸.

Com relação à rotina pedagógica em sala de aula, tenho como pressuposto de trabalho a vivência junto aos estudantes dos princípios que orientam o ensino dos conhecimentos na escola. Um dos meus eixos se pauta nas práticas de leitura oral de pequenos textos em todo início de aula e após o retorno do intervalo. Em geral, leio para eles livros de literatura infantil, crônicas, poemas, dicionários diversos (folclore, bichos, contos humorísticos, de curiosidades, etc.) com alguns verbetes já selecionados para serem lidos e, às vezes, leio um livro maior em partes. Tais livros, assim que finalizadas as leituras, são compartilhados com a turma ao longo da

⁷ As disciplinas têm a duração de um semestre.

⁸ É importante destacar que o diário de campo ou caderno de anotações é de uso estritamente pessoal, tendo finalidade apenas de consulta a cada estudante para a escrita do relatório.

aula, de forma que cada um possa pegá-los e manipulá-los, tendo, assim, a chance de desfrutar de sua materialidade. Esse aspecto da rotina se fundamenta nos princípios da proposta de leitura fruição / leitura prazer / leitura deleite (variando a maneira de sua nomeação conforme a época histórica), tão divulgados e debatidos desde os anos 1980 nos congressos e encontros de formação de professores. Como docente, incorporei esse princípio em minhas aulas desde que me tornei professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental no começo dos anos 1990 e o mantenho como guia até os dias de hoje. Referencio-me na visão de Antonio Candido (2002; 2012), que acredita na “função humanizadora da literatura” e na “capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 2012, p. 77), tomando-a como patrimônio humano e que, portanto, precisa ser apropriada, divulgada e conservada. Um curso de formação de professores, certamente, é um dos lugares onde se pode desempenhar o papel de divulgação desse patrimônio.

Ainda como parte do plano das aulas, há um cronograma de leituras listadas, para cada semana, de autores que fundamentam uma concepção de educação formal com uma abordagem sociocultural e histórica assim como dos que problematizam o ensino de conteúdos específicos dos anos iniciais. Tais textos são abordados por dinâmicas em sala de aula que vão desde a discussão em plenárias, com aulas expositivas, até trabalhos em pequenos grupos, os quais seguem um roteiro de estudo. Por último, também vale destacar a realização de atividades práticas com uso de diversificados materiais concretos, na perspectiva de vivenciar os princípios de ensino para determinados conteúdos, de forma que seja valorizado seu uso cotidiano, ou seja, a relação do conhecimento científico com a demanda da vida concreta cotidiana.

Nessas condições dadas se desenvolveu a produção escrita dos relatórios de estágio nas disciplinas mencionadas antes. Analisar dados gerados na própria condição de trabalho, como é o caso deste artigo, implica tomar uma posição frente à pesquisa. Amorim (2001), referenciando-se no cabedal teórico bakhtiniano, defende a assunção de uma abordagem dialógica para a problemática do texto escrito nas Ciências Humanas, de forma que possa incluir em sua discussão a questão da alteridade. O outro, segundo a autora sinaliza, é o interlocutor do pesquisador, aquele a quem se dirige no campo e de quem fala em seu texto (AMORIM, 2001,

p. 22). Nessa perspectiva, o encontro com o outro acontece em meio a lugares diferentes de enunciação, em que essa diferença participa da construção de sentidos possíveis de compreensões de mundo. Assumir e reconhecer essa diferença de posicionamentos sociais na relação com o outro possibilita um olhar exotópico do pesquisador frente ao seu trabalho. Por esse viés, a alteridade se constitui como um recurso importante para a reflexão na pesquisa. Sobre isso, Amorim (2001, p. 26) pondera, estabelecendo critérios que me guiam neste estudo: “atribuímos à alteridade uma dimensão de estranheza porque não se trata do simples reconhecimento de uma diferença, mas de um verdadeiro distanciamento: perplexidade, interrogação, em suma, suspensão da evidência”. Olhar para o outro com o qual convivemos cotidianamente, como ocorre na experiência de uma disciplina de curso, ajuda-nos a refletir sobre o processo de constituição da relação formadora instituída em uma universidade, no contexto de ensino superior.

Um aspecto relevante ainda a se considerar se refere ao gênero discursivo por meio do qual os enunciados foram produzidos. Trata-se de relatórios de estágio, escritos no contexto acadêmico, em meio à esfera social universitária. Bakhtin (2017b), ao se defrontar com a tarefa de explicar e definir o que vem a ser gênero do discurso, especifica-o como um componente expressivo da atividade humana, que pode se realizar na vida cotidiana, no seu uso mais ordinário e simplificado da demanda do dia a dia (na qualidade de gênero primário), ou pode ser revestido de maior complexidade, realizando-se nas condições de um convívio cultural mais complexo (na qualidade de gênero secundário). Os gêneros do discurso, sejam primários ou secundários, se tipificam em modelos relativamente estáveis, que são marcados pelas suas condições de produção:

Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2017b, p. 18).

Tendo em vista as afirmativas do autor, o estilo, o tema e a composição dos enunciados delimitam cada gênero, assim como suas formas de uso, conforme a esfera em que estão inseridos. Portanto, os gêneros secundários podem, em seu acontecimento, reelaborar e se apropriar do gênero primário e, ao fazê-lo, transformá-los, pois os recolocam em outro contexto. Como exemplo, uma conversa informal (discurso oral) ou um diário (discurso escrito), típicos de um gênero primário, recriados dentro de um romance, perdem o estatuto de primários, pois, na medida em que são transportados para um campo ficcional-literário, ganham novas dimensões para sua compreensão. Na medida em que ganham outros contornos na relação dialógica que os constituem, os gêneros podem se reconfigurar a cada situação comunicativa.

Os textos dos estudantes das disciplinas aqui focalizadas são entendidos como expressão do gênero secundário, marcados pelo uso do discurso acadêmico, próprio do fazer científico, do contexto da esfera universitária. Faz parte desse gênero uma relação supostamente mais próxima da ciência, pois historicamente a produção do conhecimento científico esteve associada ao lugar social da universidade. É preciso considerar, no entanto, que ao mesmo tempo que tais textos são constituídos em um ambiente prestigiado tanto socioculturalmente quanto historicamente, também são produzidos por sujeitos marcados por suas histórias pessoais e sociais. Ou seja, os relatórios, tomados como expressão de um gênero discursivo, dialogam com múltiplas vozes. Diversos estudos embasados no referencial enunciativo discursivo da língua já apontaram para o caráter polifônico das produções de estudantes estagiários de cursos de licenciatura, destacando a dialogia constitutiva de seus dizeres, a presença da diversidade de vozes que atravessam seus textos, identificando-se muitas vezes uma tensão/ um confronto em torno das formas de enunciarem suas compreensões sobre o trabalho docente (ASSIS, 2018; LOPES, 2018; GUEDES-PINTO, 2015; REICHMANN, 2015; KLEIMAN, 2013; MATENCIO, 2013).

Os dizeres dos estudantes se configuram, assim, como pertencentes a uma complexa teia de significações para os estudiosos do campo da ciência da linguagem, que dialogam com a formação inicial de professores. Procuo, repetindo o que foi anunciado anteriormente, me aproximar de seus enunciados, tomando-os pela análise enunciativa discursiva, atendo-me ao pensamento bakhtiniano.

Retomando as considerações de Bakhtin (2017b) sobre os gêneros do discurso, sobressai-se sua ênfase a respeito do enunciado como elemento nucleador do discurso, entendido como sua unidade da comunicação. Cada enunciado está repleto, segundo explica, de intencionalidade, pois se constitui na alternância de vozes, na réplica à palavra do outro. O que caracteriza, em primeiro lugar, o enunciado é o fato de ele se produzir na condição de resposta ao dizer alheio. A palavra, dentro dele, se realiza como expressão, como um elemento que se completa no caráter extralinguístico, insinuado pelo acento valorativo de quem a profere:

[...] qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão (BAKHTIN, 2017b, p. 53, grifos do autor)

Tal maneira de compreender a construção de sentidos ao nos aproximarmos da palavra alheia reitera a importância de se entender que alguém enuncia um discurso; que alguém é autor de um dizer; que um determinado sujeito, de uma posição social específica, diz algo a outro sujeito. A condição de autoria é lembrada por Bakhtin (2017a) a todo instante. No processo de criação artística, na elaboração do romance polifônico, o indivíduo, tomado como autor, na complexa dinâmica dialógica da produção de sentidos, vem à tona. Diz Bakhtin (2017a, p. 71, grifos do autor): “A consciência linguística literariamente ativa encontra, sempre e em toda parte (em todas as épocas históricas inacessíveis), “linguagens” e não uma língua. Depara então com a necessidade de *escolher uma linguagem*”. Dito de outro modo, Bakhtin (2017a) sublinha o fator axiológico envolvido no dizer literário que, por esse viés, identifica um autor, anunciando que um enunciado sempre é proferido por alguém concreto, inserido em uma dada situação comunicativa, comprometido com uma posição, enraizado em uma história que o compele a fazer escolhas.

Esse é o caso do dizer dos estudantes estagiários. Seus enunciados se inscrevem em um contexto de produção de conhecimento acadêmico. Proferem por escrito suas experiências. Contam seus aprendizados. Deparam-se, assim, com

escolhas na construção dos enunciados que compõem seus relatórios. Veem-se enredados na tarefa de relatarem (de se traduzirem?) seus percursos no processo de formação docente.

Os enunciados dos estudantes: uma estilística dos relatórios de estágio. Indícios de uma autoria acadêmica singular

Bezerra (1997), já citado, em seu prefácio à segunda edição da tradução de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, sinaliza que, nesse livro, Bakhtin esboça uma metalinguística como método de análise do discurso, que assim torna possível uma junção entre a filologia e a filosofia da linguagem, procurando construir de forma interdisciplinar⁹ aproximações com os campos da linguística, da filosofia, da antropologia e da teoria da literatura. Em 2017, no posfácio de sua tradução de *Gêneros do Discurso*, Bezerra (2017b, p. 165), ao retomar a ideia de Bakhtin sobre criar uma nova teoria ou disciplina nas ciências humanas, aprofunda um pouco mais a questão da metalinguística, explicitando o entendimento de texto, tomado nessa perspectiva de análise. Afirma, então:

Resumindo as reflexões de Bakhtin sobre texto, pode-se afirmar que, ao considerar o texto um enunciado voltado para o tripé pergunta-resposta-pergunta do outro, ele criou de fato uma *textologia* na qual o texto é enfocado como um organismo vivo e um diálogo entre os sujeitos que o articulam (BEZERRA, 2017b, p. 165)

Tendo em vista a relação dialógica constitutiva dos textos, como assinalado nas citações de Bezerra (1997; 2017b) sobre o método de análise metalinguístico, no relatório das idas às escolas, na disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental, escrito por Danilo¹⁰, o diálogo com o outro se expressa de muitas formas¹¹.

⁹ Atualizando um modo de dizer. Na época em que Bakhtin escreveu sua obra o termo/conceito de interdisciplinaridade não era utilizado como o é nos dias de hoje. Porém, acredito que interdisciplinaridade pode ser considerado uma atualização adequada para o que se pretendia como proposta de construção do método metalinguístico.

¹⁰ Os nomes dos estudantes são fictícios.

¹¹ Na turma de Danilo, 45 estudantes frequentaram a disciplina. Não entreguei para eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Acabei me esquecendo de fazer isso durante

Em uma primeira aproximação de seu texto, chama atenção o modo como nomeia alguns dos subtítulos de seu relatório¹². Eles são assim nomeados: “objetivo das idas”, “metodologia”, “relação direta”, “oficina de homens”, “rotina escolar”, “caso 1”, “caso 2”, “carga horária” e “considerações finais”. Vários desses subtítulos, em termos de marcas discursivas estáveis, como componentes do gênero relatório acadêmico, são facilmente reconhecíveis: objetivo, metodologia, rotina escolar, caso 1¹³, caso 2, carga horária e considerações finais. Os subtítulos “relações direta” e “oficina de homens” dão um tom diferente ao texto, fornecendo indícios de originalidade e criatividade na forma de construir seu dizer sobre sua experiência na escola. Percebe-se um acento valorativo de Danilo, autor do texto. No item “relação direta”, é apresentada a escola em que realizou suas idas, identificando-a em termos de localização (trata-se da zona rural) e o percurso para lá chegar: “Os caminhos são de terra vermelha, o trânsito quase inexistente, pouco comércio, nada além do essencial nesse canto pacato da cidade, repleto de árvores livres e de um amplo céu”. Em seguida, no item “oficina de homens”, Danilo relata o primeiro dia em que foi frequentar a instituição, informando e descrevendo o ambiente:

Dentro do muro preserva-se um espaço magnífico, com gramados, parques, murais que ilustram, orientam e informam além de expor inúmeros trabalhos produzidos pelas crianças; uma área com mesas e cadeiras usadas nos lanches e variadas outras atividades, um disputado e moderno laboratório de informática, uma biblioteca repleta de títulos e uma arejada e iluminada quadra coberta para esportes. Todos os espaços e equipamentos são limpos e conservados com zelo e cuidado pelos professores, funcionários e a maioria das crianças, inclusive os banheiros.

o semestre. Acredito que incorri em uma falha (típica de quem problematiza seu próprio cotidiano profissional), ao ter me dispersado naquele período, ao não ter providenciado a impressão dos Termos e ao não ter reservado um tempo da aula para a apresentação da pesquisa. Porém, ao ler o relatório de Danilo, considerei importante inseri-lo como dado do corpus e procurei-o por email, conseguindo a tempo seu contato, sua anuência e assinatura a posteriori.

¹² Costa (2000), em estudo comparativo entre a construção de títulos em textos jornalísticos e em sala de aula, pontua esse recurso composicional, do ponto de vista enunciativo-discursivo, como um elemento de complexificação discursiva, podendo ser tomados, portanto, como indicadores de autoria.

¹³ Foi solicitado para que cada relatório destacasse duas situações vividas na escola para problematização.

O outro, na perspectiva bakhtiniana, se pronuncia de diversos modos nos enunciados de Danilo. Primeiramente, os subtítulos identificáveis como marcadores discursivos estáveis do gênero relatório acadêmico, conforme sublinhado antes, indicam o acolhimento da orientação oficial fornecida pela professora, que estava disponível nos roteiros anexos ao plano da disciplina. O estudante incorpora no seu texto, inclusive, no que se refere ao léxico, um vocabulário familiar à linguagem de organização de um dizer, considerado na esfera universitária, mais científica. “Metodologia”, “objetivo”, “considerações finais” normalmente configuram uma formatação de tipo acadêmica. O outro também se mostra quando de suas escolhas para os subtítulos “relação direta” e “oficina de homens”, assim como no seu modo de preencher cada item, pautando-se em uma linguagem poética, em que define um estilo próprio de relatar os ares da escola (“os caminhos são de terra vermelha”, “um espaço magnífico, com gramados”, seu ambiente físico (“murais que ilustram(...), “biblioteca repleta de títulos”) e a maneira como as pessoas que ali convivem cuidam do lugar (“espaços e equipamentos são limpos e cuidado com zelo”).

Sobre as escolhas de Danilo a respeito de como conduzir seus enunciados, chamam atenção as palavras por ele selecionadas em seu dizer, por meio do qual o caráter da bivocalidade (BAKHTIN, 1997; VOLÓCHINOV, 2017) se torna mais visível. Por exemplo, ao optar por nomear “oficina de homens” o subtítulo que introduz seu relato sobre seu primeiro dia na escola, dialoga com a ideia de escola defendida por Comênio (1957) em sua *Didáctica Magna*, lida pela turma. Alguns de seus capítulos foram discutidos nas aulas. O autor estudado assim nomeia a instituição escolar por ele descrita em sua obra: “oficina de homens”, destacando o caráter humanizador da escola, tomando-a como um lugar da sabedoria. O estudante, usando do recurso de citação implícita, não faz uso de referência bibliográfica nem faz menção ao autor estudado, utiliza-se da palavra *alheia* para torná-la, em seu texto, *minha* palavra, tal como pontua Bakhtin (2017b) ao deter-se sobre a questão do acento valorativo da palavra em um enunciado. Danilo descreve a escola valorizando o espaço ao seu redor, a natureza, o ambiente acolhedor, criando uma atmosfera poética em torno do que nomeou como “oficina de homens”, apresentando sua maneira pessoal e singular de compreender o lugar para onde se deslocou durante o semestre de 2017. Discursivamente, busca na rede de significados

de “oficina de homens” qualificar o seu ponto de vista, marcando com seu acento sua forma própria de a ela se referir, tal como afirmado por Bakhtin (2017a, p. 67): “A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva”. Em seu enunciado, Danilo redimensiona, como autor-criador, o significado de oficina, conferindo-lhe um sentido outro dentro do contexto em que foi proferido.

O relatório de Camila¹⁴ apresenta um dizer autoral desde o fato de ter atribuído um título específico para seu relatório, “DE VOLTA AO PAÍS DAS MARAVILHAS? – Relatório de Estágio em Anos Iniciais do Ensino Fundamental”; até a nomeação para todos os seus subtítulos, seguindo essa sequência, baseada nos eventos da narrativa aludida: “Só mais um coelho branco? – da pretensa familiaridade com a escola”, “Entrando pela toca do coelho – dos primeiros contatos com a escola”, “Já no país das maravilhas – das descrições de lugares e tempos”, “Sentir-se como Alice – sobre ser muito grande ou pequena demais no estágio”, “Para que serve um livro’ pensou Alice, ‘sem figuras nem diálogos?’ – da leitura e escrita em sala de aula”, “Cortem-lhe a cabeça’ – de um castigo na escola”, “Para fora do País das Maravilhas – contato com a realidade social” e “Alice através do espelho – do que poderia ser dito e considerações finais”.

O diálogo com a literatura se mostra de forma explícita, na referência direta ao livro *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll (2002)¹⁵ no título do trabalho, nos subtítulos (todos eles dialogam explicitamente com a história de Alice, fazendo referências pontuais a momentos conhecidos do enredo, como a de Alice ter feito amizade com um coelho branco – seu parceiro, de ter seu tamanho modificado a partir do que come ou bebe, do episódio em que a rainha de copas ordena cortar a

¹⁴ Na turma de Camila, 22 estudantes finalizaram o semestre letivo. Desses, 16 assinaram o TCLE. Chamou-me muito a atenção a qualidade dos textos produzidos nesse período, especialmente, no que se refere à preocupação estética da elaboração escrita, manifestada tanto pela criação de títulos originais (teria mais três relatórios para me deter sobre isso), quanto pelo dizer poético no que se refere às reflexões sobre as experiências na escola. No entanto, frente às limitações de tamanho deste artigo e ao que me propus a discutir (a autoria expressa em relatórios de estágio na formação inicial de professores), escolhi problematizar, como dito antes, apenas dois relatórios, um de uma turma de Metodologia e outro da turma de Estágio.

¹⁵ Esta foi a referência bibliográfica utilizada pela estudante.

cabeça de qualquer pessoa que não faça o que ela quer), e na menção a ele em suas referências bibliográficas. A estudante, ao enunciar-se como estagiária, preocupa-se em construir um estilo próprio, criando uma estética para a problematização da escola, do fazer docente, do cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, sua narrativa flui como uma narrativa acadêmica, dialogando com vozes da esfera universitária. Isso pode ser constatado, de saída, também na elaboração dos subtítulos: a composição deles parece seguir um padrão estético e ético: eles são compostos sempre por duas partes semânticas distintas. A primeira remete ao diálogo permanente com o enredo da história de *Alice no país das maravilhas*, fornecendo o tom estético, e a segunda se desenvolve no diálogo contínuo com as questões próprias das aulas na faculdade, em relação direta com a vivência do estágio – dando o tom ético, do relato de seu trabalho comprometido com as premissas da proposta da disciplina.

Em seu trabalho autoral de escrita do relatório, Camila cria subtítulos que anunciam, tal como um binômio, o tema ao qual vai se aprofundar naquele item. Tal binômio segue, então, a seguinte composição poética: uma referência/evocação ao livro de Alice e, em seguida, elege um aspecto específico da experiência como estagiária a ser problematizado. A estudante, guiada pelo subtítulo escolhido, desenvolve o texto retomando a analogia que ela constrói no item. Vejamos um exemplo. No item intitulado “Só mais um coelho branco? – da pretensa familiaridade com a escola”, Camila inicia: “ao descrever a escola e meus primeiros contatos, pensei em minha trajetória e relação com o espaço escolar. Quantos relatórios já escrevi? Tendo em vista que já tenho uma formação em licenciatura”¹⁶. Mais adiante, instaura o diálogo anunciado no título do relatório e no subtítulo: “No início do livro de Alice no País das Maravilhas, a menina vê um coelho branco correndo e inicialmente achou que ‘não havia nada de muito especial nisso’ (...) até que olhou com mais atenção e o tal coelho tinha um colete com um bolso de onde tirou um relógio!”. A partir dessa retomada, ela, Camila, narradora de sua experiência, se pergunta: “Quantas vezes já tomei certas atitudes como naturais e só percebi depois que não

¹⁶ A estudante Camila na ocasião já era graduada em Letras pela mesma universidade e também já exercia o cargo de professora de Língua Portuguesa na escola pública. Em aula na faculdade, ela contou que escolheu cursar Pedagogia para ter mais conhecimento teórico específico sobre o ensino e as questões que envolvem o campo da educação como um todo.

eram tão naturais assim?”. Problematiza essa questão por ela levantada e encerra esse item com a seguinte reflexão:

“A ida à escola também exige esse distanciamento, para que o meu conhecimento, experiências como docente e como aluna, além de minhas crenças, não sejam lentes opacas através das quais eu analiso o contexto onde me inseri como estagiária. As lentes devem concorrer para uma reflexão objetiva, amparada nos estudos, mas também empática, já que tenho consciência da subjetividade que nos permeia e constitui”¹⁷.

Bakhtin (2017a), ao se debruçar a respeito da estilística no romance, retoma o caráter dos enunciados se constituírem no fluxo de uma língua viva, concreta, por meio da qual os indivíduos proferem seus dizeres de posições sociais que ocupam na sociedade, dizem o que dizem sempre na relação com o outro, na permanente dialogicidade em que se fundam os discursos. A palavra, ao ser dita, está enredada em um diálogo infinito de réplicas, pois pertencem a enunciados concretos, esses também encarnados de história. Os enunciados da estudante Camila remetem a um intenso diálogo que ela, como autora, propõe, e também, como autora-personagem de seu relatório, se enreda na narrativa assumida, tal como Bakhtin (1997) se refere a Dostoiévski como autor-criador do romance polifônico. Destaca-se em sua escolha autoral, sua dedicação a marcar uma estilística própria, cravada no denso diálogo com que arquiteta seu relatório. Sobre a estilística do romance, diz Bakhtin (2017a, p. 58), ao compará-lo com a estilística da poesia, “a dialogicidade interna se torna um dos elementos mais substanciais do estilo prosaico e aqui passa por uma elaboração artística específica”.

Um último apontamento a fazer na elaboração do relatório de Camila diz respeito à questão do estilo ligado à questão autoral. Dentro do gênero relatório, trabalhando com os marcadores linguísticos que lhe conferem estabilidade

¹⁷ No parágrafo anterior, em seu texto, Camila faz uma citação direta de um artigo que lemos de Cavalcanti (2003), antropóloga que discute o trabalho etnográfico de campo e os desafios da pesquisadora frente a questões de subjetividade/objetividade que nos constitui. Embora a estudante não cite de forma direta nem indireta em seu relatório, este trecho transcrito acima ressoa a voz do detetive Dupin, personagem de Edgar Allan Poe (1996) do conto *A carta roubada*, lido por nós e discutido em nossas aulas.

discursiva, a estudante inscreve um estilo singular na escrita de seu relato, dando visibilidade para uma intencionalidade narrativa que se tece ao longo de seu texto. Como último exemplo a ser problematizado, destaco o item “Sentir-se como Alice – sobre ser muito grande ou pequena demais no estágio”. Nele, a autora discorre sobre seu processo de participação e de inserção nas aulas junto à professora de classe e aos alunos e, em certo momento pondera:

Meu tamanho, parecia variar, como no livro da Alice. A personagem aumenta e diminui de tamanho a partir do que come e bebe. A estagiária ocupa mais ou menos espaço a partir da fala da professora, mas também a partir da postura que assume... Ser estagiária é estar sempre em desconforto: ora parece que contribuo pouco, ora com receio de estar invadindo o espaço que é da professora.

No seu projeto de dizer, Camila tem como um de seus fundamentos teóricos a literatura, optando, assim, por construir uma estilística em seu relatório, criando uma arquitetônica literária além da acadêmica, instaurando um texto autoral singular. Identifica-se nos seus enunciados mais de um interlocutor: ora dialoga com o livro de Alice (“meu tamanho, parecia variar, como no livro de Alice”, ora com os sujeitos do estágio (“ora parece que contribuo pouco”), ora com a orientação para a reflexão da disciplina dada pela professora (“ser estagiária...”). A estudante dialoga com diversas vozes discursivas, buscando um acabamento (sempre provisório) em que a palavra bivocal se insinua. Segundo Bakhtin (1997), a originalidade de Dostoiévski em suas obras reside na distribuição que o autor faz dos muitos tipos de discursos em seu interior e na variedade criada por ele entre seus elementos composicionais. O romance polifônico tem como uma de suas características na forma de articular os discursos “a interferência de vozes no interior do átomo” (BAKHTIN, 1997, p. 212). O relatório de Camila, em uma aproximação do pensamento bakhtiniano, dialoga com diferentes vozes, tecendo, na sua arquitetura discursiva, seu ponto de vista, marcando seu posicionamento como professora-estagiária em processo de formação docente. Sua intencionalidade narrativa, ao construir-se discursivamente, apresenta um dizer polifônico, tal como afirma Bakhtin (1997, p. 256): “o diálogo não é o limiar da ação mas a própria ação”.

Conclusões

Voltando às duas problematizações sobre os relatórios de estágio, tendo em vista a perspectiva dos estudos bakhtinianos, ressalta-se, nas análises, o dizer autoral dos estudantes, ao assumirem o papel de enunciadores de suas experiências na escola. Ambos os textos apresentam na sua dialogicidade interna a interlocução tanto com a literatura quanto com o quadro teórico de cada disciplina cursada. Danilo opta por um dizer impregnado de uma poética no caminho de sua forma de apreensão do ambiente escolar e dos sujeitos que lá frequentam. Camila, por sua vez, explicita seu diálogo com a literatura ao tomar a obra de Lewis Carroll seu fio condutor no tecer narrativo.

Importante lembrar que os estudantes produzem seus textos a partir do gênero relatório, mantendo o diálogo com seus interlocutores acadêmicos, assim como respondem às orientações dadas quanto à elaboração de suas escritas. No entanto, sem abrir mão das recomendações oficiais dos roteiros recebidos, Camila e Danilo instauram, cada um à sua maneira, seus acentos autorais, fornecendo um tom valorativo próprio. Dentro da esfera universitária, nos vários contextos vividos (nas aulas da faculdade, no deslocamento para chegar à escola, na dinâmica interativa vivida no lugar de estudante estagiário-aprendiz), se munem de recursos para empreitar uma construção, uma arquitetônica poética, inserindo um estilo que fica marcado no gênero em questão.

Na dinâmica interlocutiva presente em seus textos polifônicos sobre o estágio, pode-se reconhecer que seus autores tomam a palavra a partir de uma posição, assumem uma intenção. Segundo Bakhtin (1997, p. 63, grifos do autor), faz parte do trabalho do autor-criador transitar entre uma multiplicidade de vozes, de posições ideológicas diversas em um grande diálogo, chegando então a um *todo não-fechado*. Importa, assim, destacar “o *sentido de sua forma artística*, o qual liberta e descoisifica o homem (BAKHTIN, 1997, p. 63, grifos do autor). Os relatórios de estágio aqui analisados parecem estar seguindo esse caminho da criação artística-acadêmica, instaurando um dizer que se introduz de forma plenivalente no diálogo com o processo de iniciação da profissão docente.

Para finalizar, retomando a epígrafe retirada do poema de Ferreira Gullar, talvez os relatórios escritos pelos estudantes-estagiários manifestem que seja por meio da arte um dos caminhos para se traduzir a experiência de iniciação no trabalho docente, isto é, de se chegar à compreensão de sua outra parte.

Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ASSIS, J. A. Representações sociais sobre o professor na formação inicial docente: diálogos e confrontos. In REICHMANN, C. L.; GUEDES-PINTO, A. L. (Orgs.) *Horizontes (im)possíveis no estágio: práticas de letramento e formação de professores de língua*. Campinas: Pontes Editores, 2018,

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1ª Reimpressão. São Paulo Editora 34, 2017b.

BEZERRA, P. Prefácio à segunda edição brasileira. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BEZERRA, P. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. tradução, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2017a.

BEZERRA, P. Posfácio. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1ª Reimpressão. São Paulo Editora 34, 2017b.

BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin e o Círculo*. 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, A. *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentações de notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; 2002, p. 77-92.

CANDIDO, A. O direito à literatura In: LIMA, A. de (Org.). *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012, p. 17-40.

CARROLL, L. Alice no país das maravilhas. Tradução de Clélia Regina Ramos. ebooksBrasil.com, 2002.

Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alicep.pdf>. Acesso em 16/10/2020.

CAVALCANTI, M. L. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In: VELHO, G.; KUSHINIR, K. (Orgs.). *Pesquisa urbanas – desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COMÊNIO, João Amós. *Didática magna*. 4 ed. Portugal: Fundação Calouste Gulbernkian, 1957.

COSTA, S. R. A construção de “títulos” em gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico. In: ROJO, R. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 67-90.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 37-60.

GUEDES-PINTO, A. L. *Práticas de escrita na formação de professores: indícios de apropriação da profissão docente*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. *Traço de poeta*. (Antologia de poesias para jovens). São Paulo: Global, 2006, p. 19-24.

KLEIMAN, A. B. Linguagem e formação do professor: apontamentos de uma travessia (um ensaio em homenagem a Malu Matencio). In: BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

LOPES, M. A. P. T. Gêneros de discurso na formação – saberes em diálogo na constituição da identidade acadêmica profissional. In: REICHMANN, C. L.; GUEDES-PINTO, A. L.

GUEDES-PINTO, A. L. Dizer-se professora/professor pela escrita: autoria e dialogia nos relatórios de estágio

(Orgs.) *Horizontes (im)possíveis no estágio: práticas de letramento e formação de professores de língua*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 195-218.

MATENCIO, M. de L. Meirelles. Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização. In: BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 69-81.

POE, E. A. *Os assassinatos na rua Morgue; A carta roubada*. Tradução de Erline T. V. dos Santos, Ana Maria Murakini, Samantha Batista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

REICHMANN, C. L. *Letras e Letramentos*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, [s.n.t.]. Disponível em: https://www.academia.edu/19347967/Discurso_Na_Vida_Discurso_Na_Arte. Acesso em 15/10/2020.

Recebido: 2/7/2020.

Aprovado: 28/09/2020.